

---

## **SOBRE ESCOLA, FAMÍLIAS E CRIANÇAS: SILÊNCIOS, DIÁLOGOS E ESCUTAS EM TEMPOS PANDÊMICOS**

**Ms. Adriano José Pinheiro**  
Faculdade de Educação/Unicamp

**RESUMO:** O presente texto tem por objetivo relatar a experiência de uma equipe escolar que teve o contato presencial diário com estudantes e famílias suprimido repentinamente devido à pandemia de Covid-19, e as ações oriundas desses primeiros momentos em que se pautou o trabalho em diálogos e escutas dos sujeitos da comunidade escolar. O relato apresenta uma contradição que se fez presente, onde o incentivo ao uso das tecnologias, especificamente o uso da internet e de salas de aulas virtuais como suportes para o desenvolvimento do trabalho no ensino remoto não favoreceu, primeiramente, a escuta dos interlocutores que se valeriam desses meios. Tendo como aportes os escritos de Freire (1996), Lopes (2004) e Krenak (2020) sobre silêncios, escutas e diálogos, o texto apresenta uma contextualização dos primeiros momentos pandêmicos, bem como as dúvidas e inseguranças impostas, e em seguida discorre sobre diálogos e escutas de docentes, famílias e crianças. Tais escutas orientaram as próximas ações da comunidade escolar, dentre elas: ações solidárias, encaminhamentos para atendimentos de especialistas para crianças que enfrentavam sofrimento, subdivisão das turmas em grupos de tutoria e uso de aplicativos de mensagens como meios de comunicação prioritários. Como resultado o texto defende que os silêncios, as escutas e os diálogos entre escolas, famílias e crianças contribuíram para a continuação do trabalho durante a pandemia, além de possibilitarem a elaboração de um mapeamento de dados pautado na realidade em que a escola está inserida.

**Palavras-Chave:** Diálogo; Escola; Família; Pandemia.

## **ON SCHOOL, FAMILIES AND CHILDREN: SILENCES, DIALOGUES AND LISTENING IN PANDEMIC times**

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to report the experience of a school's staff that had their daily face-to-face contact with students and families suddenly suppressed due to the COVID-19 pandemic, and the actions arising from those first moments when the work was based on dialogues with individuals from the school community. The report presents a contradiction that was made apparent, in which the encouragement to use technologies, specifically the use of internet and virtual classrooms as support for activity development in remote education, did not favor, at first, the listening of the interlocutors who would use these means. Based on the writings of Freire (1996), Lopes (2004) and Krenak (2020) regarding silence, listening and dialogue, the text presents a contextualization of the first pandemic moments, as well as the doubts and insecurities imposed by them, and then discusses dialogues and listening of teachers, families and children. Such listening guided the school community's next actions, among them: charitable activities, referrals to specialists for children who were suffering, subdivision of classes into tutoring groups and use of texting applications as primary means of communication. As a result, the text argues that silences, listening and dialogues between schools, families and children contributed to the maintenance of work during the pandemic, in addition to enabling the formulation of a data mapping based on the reality in which the school is inserted.

**Keywords:** Dialogue. School. Families. Pandemic.



---

## 1 INTRODUÇÃO

O início do ano letivo de 2020 trouxe uma suspensão repentina das atividades presenciais escolares devido à pandemia<sup>1</sup> da Covid-19. De um dia para o outro, o diálogo presencial diário com a comunidade escolar foi suprimido e a implantação de plataformas virtuais e o uso de meios de comunicação alternativos se fizeram necessários.

Atuo como coordenador pedagógico em uma escola municipal de Ensino Fundamental, localizada em Perus-SP, que atende 811 educandos. Eu, a outra coordenadora, a direção, os professores, os estudantes e suas famílias nos sentimos anestesiados com o turbilhão de novidades ao nos depararmos com a abrupta interrupção das atividades presenciais na escola. Imersos nesse inesperado silêncio gerado pela falta de contato entre educadores e estudantes (e suas famílias), sentimos a necessidade de continuarmos o diálogo normalmente existente no ambiente escolar.

Destaco algumas incertezas daqueles momentos primeiros: Como continuar o diálogo com a comunidade escolar remotamente, visto que pautamos nosso trabalho fundamentalmente no ensino presencial? Por onde começar um plano de ação emergencial para atender famílias, professores e gestores nesse momento de pandemia? Seria possível adaptarmos imediatamente o atendimento presencial para um sistema de aulas à distância ancorado no uso da internet, plataformas virtuais, celulares, computadores, como visualizamos em apostas de algumas redes de ensino e escolas privadas? De quais ferramentas nossa comunidade dispunha para um possível ensino remoto? Seria importante priorizarmos o contato em redes sociais, blogs ou sites com os educandos da escola? Quais dados tínhamos coletados sobre a comunidade escolar e sobre o uso das ferramentas tecnológicas para incentivarmos e pautarmos nossa comunicação, outrora presencial e diária, por

---

<sup>1</sup> Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus, a Organização Mundial de Saúde declarou pandemia da doença no dia 11/03/20. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em 08 jun. de 2020.



---

meio de plataformas digitais? Como darmos continuidade à escuta e ao vínculo entre escola e família, todavia agora remotamente?

O pesquisador e ativista indígena Ailton Krenak (2020) discorre, à luz dos saberes dos povos originários, sobre o vivenciado no momento atual:

[...] O que estamos vivendo pode ser obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. “Filho, silêncio.” A Terra está falando isso para a humanidade. E ela é tão maravilhosa que não dá uma ordem. Ela simplesmente está pedindo: “Silêncio”. Esse é também o significado do recolhimento (KRENAK, 2020, p.08).

Acolhendo esse conceito de silêncio proposto por Krenak para o contexto de confinamento, a equipe gestora (coordenação, direção e assistente de direção) optou por ouvir as falas dos docentes, diálogos primordiais que colaborariam para dar continuidade às escutas de crianças, adolescentes e de suas famílias. Silenciar e escutar passaram a ser ações que poderiam contribuir com a manutenção do processo educativo durante o período da pandemia e de suspensão presencial das aulas. Em outras palavras, a equipe gestora silenciou-se para poder ouvir os professores e, posteriormente, iniciar uma escuta atenta dos educandos da escola e de seus familiares. Como sinaliza Freire (1996, p.44), o silêncio também se faz necessário na comunicação dialógica, aliás, o autor o coloca como uma condição para essa comunicação e pondera: “É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.”

As escutas nos possibilitaram mapear a situação das famílias com relação a: equipamentos, disponibilidade de acesso à internet, plataformas mais adequadas para comunicação. Além disso, desvelaram situações adversas do momento pandêmico, tais como: fome, desemprego, depressão, inseguranças e medos.



O relato de experiência que se segue tem como ponto de partida a metodologia da construção compartilhada do conhecimento, descrita no documento<sup>2</sup> “Política Educacional de Educação Popular em Saúde” do Ministério da Saúde. Essa metodologia teve suas origens nas ações desenvolvidas pelo Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde na interface entre educação e saúde, em 2012, e foi referenciada nos estudos e propostas do educador Paulo Freire.

Com relação à abordagem, a pesquisa colheu dados quantitativos, que posteriormente possibilitaram a elaboração de um mapeamento. Temos como exemplos: porcentagem de educandos atendidos ou não; números de acessos à plataforma virtual; número de ativação de e-mail institucional; porcentagem de acesso às aulas virtuais síncronas; dados relacionados ao uso de aplicativo de mensagem. Também foram encontrados dados qualitativos relacionados às informações sobre o contexto de crianças, adolescentes e famílias durante a pandemia e conhecimentos construídos nos encontros formativos, rodas de conversas e diálogos entre equipe gestora, docentes, crianças, adolescentes e famílias.

O presente texto pretende relatar as ações realizadas durante o momento pandêmico em uma escola municipal de ensino fundamental (1º ao 9º ano), localizada na periferia da cidade de São Paulo, com vistas à manutenção do vínculo com educandos e famílias no contexto do ensino remoto, pontuando a importância da escuta e da dialogicidade dos sujeitos envolvidos nos processos educativos e que apostaram no diálogo e na escuta para tal. Para isso, o relato traz as inquietações iniciais da equipe escolar, os diálogos e as escutas realizados com os docentes e com as famílias, além das reverberações e das diversas devolutivas desse percurso. Também apresenta um mapeamento das condições de acesso, obtido durante essa experiência e discorre brevemente sobre as ações posteriores aos contatos telefônicos, desenvolvidas pela unidade escolar.

<sup>2</sup> Documento disponível em: [http://www.crsp.org.br/diverpsi/arquivos/pneps-2012.pdf?fbclid=IwAR3bDV40jz8RJ2ZZHEwLq0sITKvzk\\_kcFFL88dNP0YX6cKlrHiantNF14IM](http://www.crsp.org.br/diverpsi/arquivos/pneps-2012.pdf?fbclid=IwAR3bDV40jz8RJ2ZZHEwLq0sITKvzk_kcFFL88dNP0YX6cKlrHiantNF14IM). Acesso em 11 jan. de 2020.



## 2 COMPARTILHANDO CAMINHOS, CONSTRUINDO AÇÕES...

A repentina suspensão das aulas trouxe momentos de dúvidas e incertezas para todos que atuam nos contextos educacionais, todavia o senso de coletividade e as primeiras conversas entre a equipe gestora da escola em questão já mostravam que o caminho seria menos árduo se fosse percorrido coletivamente. Essa percepção da prática encontra respaldo em Freire (1996), que destaca que a educação se faz na coletividade, logo, se faz com o outro.

O autor também foi referência para a metodologia da construção compartilhada do conhecimento que, originalmente, foi utilizada nas áreas da saúde e educação, porém pode favorecer o desenvolvimento de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. Acioli et al. (2002, p.18) esclarecem:

[...] A construção do conhecimento refere-se a um processo de interação em que sujeitos possuidores de saberes diferentes, se articulam a partir de interesses comuns. Esse tipo de prática envolve aspectos de natureza pedagógica e metodológica, dentre outros. Esta proposta inspira-se na proposta pedagógica de Paulo Freire e em uma abordagem construtivista da aprendizagem.

Os autores ainda ressaltam princípios que perpassam a metodologia de pesquisa da construção compartilhada do conhecimento, tais como: partir da realidade de cada situação; fazer estudos e pesquisas permanentes durante o trabalho realizado; planejar e avaliar as ações considerando todos os sujeitos envolvidos; e desconstruir ideias, saberes e conceitos já consolidados.

Os princípios citados pelos autores estiveram articulados no trabalho desenvolvido e narrado no presente relato de experiência em ações como: a consulta prévia de professores e educandos para saber a plataforma que melhor atendia suas necessidades, considerando as especificidades da comunidade em que a escola está inserida, suas potencialidades e dificuldades; os momentos formativos realizados por videoconferências em rodas de conversa e exposições



dialogadas, fortalecendo assim a dialogicidade fundamental para o processo; o planejamento e as avaliações realizados pelas equipes gestora e docente, em que traziam as expectativas, avanços, angústias e devolutivas da comunidade escolar que reorientavam o trabalho; a construção de novas formas de vínculo e a desconstrução de ideias preconcebidas a respeito do que pensávamos sobre o acesso às tecnologias e disponibilidade de recursos da nossa comunidade.

Escutas, diálogos e silêncios ocorridos nas ações acima citadas nos permitiram colher dados quantitativos e qualitativos sobre a realidade, orientando assim para uma abordagem mista de pesquisa. Como sugerem Dal-Farra e Lopes (2013, p.70):

Os métodos mistos combinam os métodos predeterminados das pesquisas quantitativas com métodos emergentes das qualitativas, assim como questões abertas e fechadas, com formas múltiplas de dados contemplando todas as possibilidades, incluindo análises estatísticas e análises textuais.

No percurso da experiência relatada, deparamo-nos com os seguintes dados quantitativos mais relevantes: estudantes que acessavam as plataformas e que não acessavam; número de acessos por turma; quantidade de famílias que, mesmo após inúmeras tentativas, não foram localizadas; porcentagem de participação nas atividades síncronas. Esses dados foram colhidos em questionários semiestruturados elaborados pelas equipes gestora e docente e abordados nas conversas telefônicas com questões do tipo: Possui acesso à internet? Qual o melhor horário para atividades síncronas? Qual o meio de comunicação que a família sugere para contato? Possui aplicativo de mensagem?

Os registros das escutas e diálogos foram realizados em formulários específicos de acordo com cada turma, com tabelas previamente elaboradas. As informações obtidas nos permitiram construir um mapeamento de nossa realidade local e orientaram nossas próximas ações.

Além dessas questões, demos abertura para as pessoas entrevistadas falarem sobre outras informações e/ou assuntos que, porventura, emergissem no



contato, originando, assim, dados qualitativos que, segundo Dal-Farra e Lopes (2013, p.71) “proporcionam análises profundas das experiências humanas no âmbito pessoal, familiar e cultural, de uma forma que não pode ser obtida com escalas de medida e modelos multivariados.”

Essas informações qualitativas nos possibilitaram fazer análises mais profundas que nos evidenciaram intimidades de nossa comunidade escolar, carências materiais e imateriais impostas pelos primeiros momentos pandêmicos. Serão relatados adiante aspectos negativos e positivos das descobertas surpreendentes que tivemos – com essas experiências de silêncios, diálogos e escutas – sobre a comunidade com a qual trabalhamos.

### **3 INQUIETAÇÕES, DIÁLOGOS, ESCUTAS E POSSIBILIDADES...**

Em recente transmissão<sup>3</sup> ao vivo pela internet, o professor e pesquisador António Nóvoa comentou que enfrentamos um momento de crise e que este seria um momento fundamental para que a escola mostrasse sua importância e não abandonasse os estudantes, principalmente os que mais precisam dela, os mais pobres e os mais vulneráveis. Nóvoa (2020) também reforça em alguns momentos da gravação a necessidade de estar presente na vida dos estudantes, lançando mão das mais variadas ferramentas possíveis e reafirma que a escolha mais equivocada seria a opção de não fazer nada e deixar a comunidade escolar à própria sorte.

Nóvoa (2020) em suas falas nos orienta sobre a importância da manutenção do vínculo entre escolas e crianças durante a pandemia, mas como manter o vínculo durante o ensino remoto se o nosso trabalho sempre se pautou exclusivamente no ensino presencial? Nossa comunidade escolar dispunha de ferramentas adequadas para nos comunicarmos agora à distância? O que sabemos sobre as ferramentas tecnológicas utilizadas por nossos estudantes? Essas eram algumas das

<sup>3</sup> Transmissão ocorrida em 06/04/20, realizada pelo Sindicato de Professores Municipais de Novo Hamburgo (SindprofNH). Disponível em: <https://www.facebook.com/sindprofnh/videos/conversa-com-ant%C3%B3nio-n%C3%B3voa/631629681020563/>. Acesso em 09 jun. de 2020.



indagações nos momentos em que estávamos a refletir sobre as primeiras ações de um plano de ação a ser construído pela equipe gestora com os educadores da escola.

Neste cenário de dúvidas e incertezas algumas reflexões oriundas de uma expressão que se fez bastante presente nos momentos de planejamento da equipe gestora: “colocar a carroça na frente dos bois”. A expressão advém da inversão da ordem correta entre o objeto carroça, que deve estar localizada após os animais de tração, nesse caso, bois, e que dificulta a locomoção do meio de transporte. Colocaríamos a carroça na frente dos bois, no caso da situação descrita com relação à comunicação entre escola e famílias, ao prescindir uma indagação primeira às famílias e estudantes sobre como se daria a nossa comunicação a partir de então? Estávamos, assim, impondo os meios de comunicação disponíveis e incentivados nos primeiros momentos da pandemia, e julgávamos serem os mais convenientes, mas sem ao menos consultarmos os interlocutores e também sujeitos do processo: famílias e crianças?

Optamos, propositalmente, pelo uso dessa expressão, que postula uma analogia com a cultura rural, afinal, achamos propício para dialogar com um momento extremamente pautado nas grandes inovações tecnológicas, nas comunicações por videoconferências, nas aulas à distância, nas salas de aula virtuais<sup>4</sup> etc. Nada contra o uso das ferramentas tecnológicas, aliás, elas podem ser grandes parceiras no cotidiano da escola, como realmente são, contudo, percebemos uma ênfase em seu uso sem favorecer algumas questões prioritárias. Se a inversão da ordem do objeto carroça impede o deslocamento satisfatório do meio de transporte, a escolha de plataformas de comunicação, sem ao menos consultar a opinião de seus interlocutores, desfavoreceria o processo comunicativo, resultando possivelmente em um baixo alcance dos membros da comunidade

---

<sup>4</sup> Embora a Instrução Normativa SME Nº15 tenha sugerido o uso da plataforma virtual como complementar ao material impresso, o uso da ferramenta foi muito incentivado nos primeiros momentos da pandemia. Uma transmissão realizada em 14 de abril teve mais de 30.000 acessos de profissionais da Prefeitura Municipal de São Paulo em um único dia.



---

escolar em um momento em que a comunicação entre escola e família se fazia tão necessária.

Essas inquietações nos levaram a questionar se não estávamos colocando a carroça na frente dos bois e se não seria importante favorecer um momento de escuta da comunidade escolar para mapearmos meios de comunicação e assim tecermos um diálogo com a mesma, era o momento de colocarmos em ações as palavras “silenciar” e “escutar” para a continuidade do processo.

Diante de tantas angústias e dúvidas por todos enfrentadas, decidimos começar ouvindo os educadores, lançando mão de perguntas sobre como estavam enfrentando aquela situação, quais eram as suas reais necessidades, como se sentiam perante as novas ferramentas tecnológicas, dentre outras indagações. Era um primeiro momento de escuta, daqueles que estariam na linha de frente dialogando com crianças e famílias nesse contexto atípico da educação. Mas, como escutar sem ser escutado?

Lopes (2004) nos apresenta algumas ponderações sobre a escuta e sobre as várias nuances imbricadas para esta ação inicial. Segundo o autor:

Ouvir é um fenômeno fisiológico: escutar um ato psicológico. No primeiro nível nada distingue o homem do animal, enquanto o segundo é um ato de decifração, e nesse processo de escuta começa a desenvolver-se um espaço intersubjetivo, em que ‘escuto’ também quer dizer ‘escuta-me’ (LOPES, 2004, p.178).

Entre os meses de março e abril de 2020, aproximadamente 50 professores que lecionam na escola foram contatados, por meio de ligações telefônicas individuais, por membros da equipe gestora. Discorriamos sobre as proposições pensadas até o momento, sobre a importância da continuidade do vínculo entre a escola e a comunidade nesse contexto pandêmico e sobre a cooperação de todos na empreitada de contarmos crianças e adolescentes partindo do meio de comunicação que mais favorecemos nos últimos anos, o telefone e, por conseguinte, as ligações telefônicas. Essas primeiras escutas foram permeadas por falas como “Obrigado por ter ligado!”, “Estou mais calma, muito grata pela ligação.”, “Achei



ótima a ideia da ligação.”, “Esse é o caminho mesmo.” ou “Achei bacana vocês pensarem assim.”.

Essas falas apontavam que o caminho traçado até aquele momento se prometia promissor e evidenciavam mais uma vez que a precipitação em desconsiderar uma conversa com os interlocutores antes de se propor um meio de comunicação poderia tornar infrutíferas as próximas ações do trabalho a ser desenvolvido remotamente, além de desvelarem o agradecimento ao contato primeiro entre escola e docente. Destaco a seguir o depoimento de uma professora em agradecimento ao momento de escuta citado:

Vocês estão de parabéns!!! Eu e alguns professores que conversamos adoramos a proposta... momento de ouvir e acolher nossas crianças e adolescentes... É muito diferente quando ouvimos uma voz amiga do outro lado... Eu fico pensando na alegria que as famílias das nossas crianças vão ficar quando ouvirem a voz do professor... diferente de um comunicado na internet... Acredito que vão sentir-se parte da escola, vão sentir-se sei lá qual é a palavra, GENTE... Acho eu... Parabéns para toda equipe pela iniciativa... Primeiro a pessoa, depois a tecnologia, qualidade é melhor que quantidade... (Professora Edna<sup>5</sup>)

O depoimento enviado pela professora, como vários outros reconhecimentos e elogios que recebemos, explicita o quão uma ação – que, embora aparentemente simples, como propor um momento de escuta – pode se mostrar potente e humanizadora. Freire (1996) comenta sobre a importância da simplicidade, qualidade que está ausente nos arrogantes e, assim como reconheceu a professora, uma atitude relativamente simples de realizar as ligações evidenciou uma preocupação da equipe gestora com cada profissional da unidade escolar. Essa ação que a professora acreditou ser potente na continuidade dos laços afetivos entre as pessoas com quem trabalhamos diariamente faria com que fôssemos todos “Gente mais gente”, tornando-nos, assim, pessoas mais humanizadas.

---

<sup>5</sup> Nome fictício.



Comentamos, durante as ligações telefônicas com os professores, sobre a proposta de escuta das famílias, das crianças e adolescentes, de forma mais intimista, favorecendo a proximidade, os efeitos advindos da sonoridade de professores e famílias, crianças e escola. Lopes (2004, p. 178) lembra que “a audição pode registrar a interioridade sem violá-la”.

As escutas com os professores já nos desvelaram diferentes acolhidas, momentos alegres, surpresas agradáveis, afetivas e calorosas e, na maioria dos casos, agradecimentos por entrarmos em contato em um momento tão sensível como o isolamento social imposto no início da pandemia. Todavia, foi um momento em que a escuta também trouxe aspectos desoladores de tempos pandêmicos, tais como: a solidão daqueles que moravam sozinhos; a angústia dos que já se deparavam com a doença com membros da família; o medo e a insegurança daqueles que conviviam com familiares que atuavam na linha de frente de combate ao vírus, trabalhando em hospitais e em serviços essenciais; a insegurança<sup>6</sup> perante as novas ferramentas de ensino.

O primeiro momento de escuta colaborou para o planejamento da ação seguinte, que foi a realização de um contato telefônico com os 811<sup>7</sup> educandos da unidade escolar por meio de escutas atentas com as famílias. Vale ressaltar que a atualização das listas telefônicas é prática constante nas reuniões com as famílias, realizadas bimestralmente, e, prioritariamente, foram as fontes de dados para esse primeiro contato. Naqueles primeiros momentos tínhamos clareza que os contatos telefônicos não atingiriam a totalidade das famílias, contudo, na tentativa de não abandonar, como sugeriu Nóvoa (2020), outras ações seriam necessárias, por exemplo, envio de cartas e telegramas.

---

<sup>6</sup> Dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Península informam que 83% dos professores não estavam preparados para dar aula online. Informação disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,oito-em-cada-dez-professores-nao-se-sentem-preparados-para-ensinar-online,70003305049>. Acesso em 09 jun. de 2020.

<sup>7</sup> Informação disponível em: <http://eolgerenciamento.prefeitura.sp.gov.br/frmgrerencial/NumerosEscola.aspx?Cod=094480>. Acesso em 05 jun. de 2020.



O momento de escuta com as famílias tinha como objetivos: saber como elas estavam enfrentando o momento pandêmico; orientar com relação ao preenchimento de cadastro para recebimento de material impresso; e mapear meios de comunicação, equipamentos tecnológicos disponíveis e disponibilidade de internet. Essa tarefa grandiosa contou com a subdivisão da totalidade dos educandos da escola (811) por todos os docentes, o que significou aproximadamente 15 crianças para cada professor-tutor, como optamos por chamar o docente responsável por cada grupo.

A figura do professor-tutor vem se fortalecendo na proposta pedagógica da escola, há alguns anos é desenvolvido um trabalho com agrupamentos diferenciados por temáticas de interesse dos estudantes do ciclo auctoral (7º, 8º e 9º anos). Os agrupamentos favorecem uma proximidade maior do professor-tutor com os adolescentes e têm inspiração em propostas de escolas inovadoras, como a Escola da Ponte, em Portugal, por exemplo, como esclarecem Pacheco e Pacheco (2015, p.21): “[...] o professor-tutor estabelece um vínculo de muita proximidade com o estudante e com os seus responsáveis, desburocratiza os procedimentos usuais que marcam a estrutura hierarquizada na escola. Ganham os estudantes!”

Quando nos propusemos a fazer contatos telefônicos com os educandos e seus familiares, vislumbramos que a manutenção e o fortalecimento desse tipo de relação seriam fundamentais diante do momento de distanciamento social e no desenvolvimento das atividades escolares à distância. Além disso, contribuiriam para a proximidade entre escola e família, tendo o professor-tutor como elo de extrema importância na relação, dando orientações, esclarecendo dúvidas e favorecendo escutas, silêncios e diálogos.

Após os contatos telefônicos, ouvimos as devolutivas do grupo de docentes e pudemos mapear as ferramentas disponíveis com cada um dos estudantes e as condições de acesso à plataforma virtual disponibilizada, dados que foram fundamentais para traçar as próximas etapas do plano de ação. Os contatos telefônicos tornaram o diálogo mais próximo com as famílias, afinal, parecia-nos



incoerente insistir em um contato via plataforma virtual ao passo que nunca havíamos conversado com as famílias a esse respeito. Em que pese o fato de que estávamos em uma pandemia, ouvirmos as opiniões sobre as condições de acesso às plataformas mais adequadas para comunicação e sobre como famílias e crianças estavam enfrentando aqueles momentos pandêmicos foi uma forma de não colocar a carroça na frente dos bois e priorizar o contato por uma ferramenta virtual sem saber a disponibilidade dos sujeitos para acessá-la.

Como orienta Freire (1996, p. 43), “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele.” Ao propormos um momento de escuta nos deparamos com falas que nos surpreenderam: agradecimentos pelas ligações, acolhidas calorosas de famílias e crianças quando escutavam do outro lado da linha vozes conhecidas, momentos afetivos de escutas compartilhadas. Contudo, também nos deparamos com desabafos e situações difíceis que o momento pandêmico impunha: carências financeiras, desemprego, fome, abandono familiar, depressão, conflitos psicológicos (principalmente com o público adolescente), falta de tratamento de saúde de crianças que têm acompanhamento contínuo, insegurança perante o possível retorno às aulas presenciais, além da evolução da Covid-19 que, infelizmente, já acometia familiares e até estudantes. Também nos deparamos com famílias que não eram acolhedoras ao contato dos educadores, bloqueavam o contato ou negavam claramente a parceria para o desenvolvimento de um trabalho com as crianças.

Freire (1996, p. 45) pondera sobre a importância de estar disponível à escuta com o outro e reitera que saber escutar é um dos requisitos do saber ensinar e sugere que “ao escutá-lo, aprendo a falar com ele”. Afinal, nossas escutas nos ensinaram mais uma vez que o caminho não seria focar nossos esforços no diálogo com as plataformas virtuais e que, em alguns casos, o essencial era suprir algumas necessidades básicas da nossa comunidade escolar. Partimos assim para algumas ações que falassem mais diretamente aos estudantes, tais como: ação solidária para encaminhamentos de cestas de alimentos para algumas famílias; sugestão de



acompanhamento/atendimento psicológico em um portal disponibilizado pela prefeitura<sup>8</sup>; doação de roupas e de produtos de higiene; escutas sensíveis para fortalecimento e continuidade do vínculo com as famílias.

Além das dificuldades básicas citadas, os contatos telefônicos permitiram mapear a condição de acesso às tecnologias de cada família. Descobrimos que o uso de aplicativo de mensagens seria mais abrangente para a continuidade do vínculo entre escola e família, mas como não atingimos a totalidade dos estudantes, partimos assim para cartas ou telegramas. Foi possível descobrir que poucas crianças tinham acesso a computadores ou laptops, sendo o celular o equipamento mais presente nos lares das famílias, em muitos casos a ser compartilhado com outros membros da casa e essas informações foram valiosas para a continuidade do percurso.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Favorecer um diálogo intimista com cada família tendo como ponto de partida o principal meio de comunicação que a unidade escolar dispunha no início do processo, no caso, os números telefônicos, contribuiu para que alcançássemos aproximadamente 95% das famílias, bem como mapeássemos as ferramentas que melhor atenderiam as crianças. Constatamos então que um aplicativo de mensagem foi a forma de comunicação de maior viabilidade para as famílias, embora a disponibilidade de aparelhos às vezes não fosse suficiente para crianças e adultos em uma mesma casa.

Os 5% de famílias que ainda não foram contatadas nos inquietam e nos desafiam cotidianamente e, neste sentido, enviamos cartas e telegramas para essas

---

<sup>8</sup> A Secretaria Municipal da Educação disponibilizou o site do Núcleo de Apoio e Acompanhamento para Aprendizagem (NAAPA) neste momento pandêmico para um apoio virtual para crianças e adolescentes que precisem de alguma orientação nesse sentido: <https://www.naapa.com.br/>. Acesso em 09 jun. de 2020.



famílias, visando estabelecer o diálogo e a continuidade do vínculo durante a pandemia.

Atualmente, parte dos educandos recebeu o material impresso denominado “Trilhas de Aprendizagens”<sup>9</sup> para realizar as atividades e esclarecer as dúvidas com os professores, na maioria dos casos em aplicativos de mensagens. O uso da plataforma virtual disponibilizada atinge aproximadamente 20% dos estudantes da escola, embora 90% dos educandos ativaram o *e-mail* institucional fornecido pela Prefeitura Municipal de São Paulo. Os motivos para uma baixa adesão ao uso das plataformas são diversos, dentre eles: falta de créditos e dados nos celulares (existem relatos de utilização da rede móvel emprestada de vizinhos); ausência de equipamentos; dificuldade em utilizar a plataforma, visto que não foram realizadas intervenções, nesse sentido, pré-pandemia; timidez em expor alguma dificuldade no mural da turma (possivelmente alguma dificuldade nos conteúdos); falta de rotina de estudos em casa; dificuldade de algumas famílias construírem uma rotina de estudos com os estudantes (em alguns casos é preciso desenvolver um trabalho de convencimento sobre a importância dos estudos em casa); e escolha por tirar dúvidas e esclarecimentos por aplicativo de mensagens.

Desde abril realizamos videoconferências semanais com os professores para planejarmos as ações pautadas na reflexão sobre a continuidade do percurso da aprendizagem remotamente; as devolutivas dos professores-tutores sobre os grupos específicos de tutoria; as comunicações realizadas com crianças e famílias; as orientações sobre o uso das ferramentas e combinados coletivos. Mesmo remotamente priorizamos a dialogicidade e as trocas, visando fortalecer as ações em tempos de tantas dúvidas e inseguranças em que fomos lançados.

Hoje, após aproximadamente seis meses de ensino remoto, temos nosso trabalho estruturado com as seguintes plataformas de aprendizagem: plataforma virtual disponível pelo município; trabalho de tutoria viabilizado por aplicativos de mensagens; agrupamentos planejados com encontros semanais virtuais; e aulas

<sup>9</sup> Baseado em levantamento realizado em 08/06/20, aproximadamente 80% dos estudantes haviam recebido o material impresso em casa.



síncronas por videoconferência segundo um cronograma elaborado coletivamente (esta última ação tem atingido aproximadamente 50% dos estudantes).

Em videoconferência realizada recentemente<sup>10</sup> os professores relataram as frustrações perante o pouco acesso dos estudantes à plataforma virtual oferecida pelo município (como citado anteriormente, aproximadamente 20% das crianças têm se valido dessa proposta). Discorremos a respeito dos variados fatores que corroboram tal situação, dentre eles, a necessidade de uma política pública que viabilizasse o acesso a equipamentos e pacotes de dados para os estudantes da rede pública. Por outro lado, os professores consideraram positiva a continuidade do vínculo que tem ocorrido com a maioria das crianças e famílias por mensagens em aplicativos ou ligações telefônicas.

Para finalizar, aprendamos com o poeta Manoel de Barros (2013, p.345) quando pondera que “por não ser contaminada de contradições/A linguagem dos pássaros/Só produz gorjeios”. Talvez essa constatação nos oriente para continuarmos acreditando em propostas educativas que não favoreçam contradições, afinal, estabelecer comunicação com sujeitos do percurso educativo desconsiderando uma escuta primeira sobre suas ideias e possibilidades nos parece incoerente, ação que inverte a lógica e dificulta a produção dos gorjeios.

## REFERÊNCIAS

ACIOLI, Sonia et al. Reflexões sobre a construção compartilhada do conhecimento em saúde na localidade do Alto Simão/Vila Isabel-RJ. **Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 17-22, ago-dez 2002.

BARROS, Manoel de. Retrato do artista quando coisa. *In*: BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013. p. 329-348.

DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. **Métodos mistos de pesquisa em educação**: pressupostos teóricos. *Nuances: estudos sobre Educação*, v. 24, n. 3, p. 67-80, 2013.

<sup>10</sup> Videoconferência realizada em 10/06/20 com aproximadamente 20 professores.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOPES, José de Sousa Miguel. **Cultura acústica e letramento em Moçambique**: em busca de fundamentos antropológicos para uma educação intercultural. São Paulo: EDUC, 2004.

NÓVOA, António. **A Educação em tempos de pandemia**: conexão Brasil x Portugal. Canal do Sindicato de Professores Municipais de Novo Hamburgo (SindprofNH), 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/sindprofnh/videos/conversa-com-ant%C3%B3nio-n%C3%B3voa/631629681020563/>. Acesso em 09 jun. de 2020.

PACHECO, José; PACHECO, Maria de Fátima. **Escola da ponte**: uma escola pública em debate. São Paulo: Cortez, 2015.

Recebido em: 16-09-2020

Aceito em: 20-11-2020

